



## CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lorena da Rocha Siqueira <sup>1</sup>  
Antonia Leila Gonçalves de Carvalho Evaristo <sup>2</sup>  
José Mendes Fonteles Filho <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa que utilizou como ferramenta de construção de dados a revisão bibliográfica de textos obrigatórios da disciplina de Educação Popular, e da análise de diários de bordo, com o propósito de discutir sobre o conceito de Educação Popular, a partir de Beisiegel (2008), Brandão (2012), Gadotti (2012) e Freire (2011), suas práticas, possibilidades e contribuições na formação de professores, no contexto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Foi possível identificar que a educação popular, com seu caráter combativo e reflexivo tem muito a contribuir na formação de professores e na construção de uma educação pública de qualidade para todos.

**Palavras-chave:** educação popular, formação de professores, diários de bordo.

### INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades. No período histórico-cultural em que estamos inseridos, repleto de medidas que dificultam e comprometem cada vez mais o acesso da população a seus direitos constitucionais básicos, há uma supervalorização da educação como meio de melhoria de vida, de acesso e democratização de direitos. Ao mesmo tempo em que as classes dominantes planejam o desmonte da educação pública, com os cortes de verbas, por exemplo, restringindo cada vez mais seu acesso, ou pior, ampliando o acesso apenas à conteúdos específicos, formativos exclusivamente para o mercado de trabalho e “livre” de quaisquer incentivos à construção do pensamento crítico, as classes populares lutam por seus direitos, buscando formas de ensino-aprendizagem que atendam suas demandas específicas.

É nesse contexto de desigualdade que a Educação Popular está inserida, e é a partir dele que surge a necessidade de debates sobre objetivos e caminhos a serem trilhados no campo educacional. Esta tarefa está, em parte, ligada ao trabalho de professores, formados ou em processo de formação.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [lorenasiqueira@alu.ufc.br](mailto:lorenasiqueira@alu.ufc.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [antonialeila@alu.ufc.br](mailto:antonialeila@alu.ufc.br);

<sup>3</sup> Professor orientador: pós-doutor em Antropologia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará - UFC, [fonteles@ufc.br](mailto:fonteles@ufc.br).

Aqueles que passam pelo curso de Pedagogia, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), estão aptos a atuarem como docentes, gestores de processos educativos, agentes sociais e políticos, administradores de estabelecimentos com finalidades educacionais e empreendedores da pesquisa científica. Aqui, priorizamos a atuação de pedagogos e pedagogas como agentes sociais e políticos, sem excluir as outras possibilidades, que podem ser desenvolvidas simultaneamente, inclusive. Apesar de passarem por uma formação que pretende formar, majoritariamente, professores e professoras da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, há também a possibilidade, apesar de restrita, de pensar a Educação em um campo mais amplo.

São ofertadas algumas disciplinas pelo Departamento de Estudos Especializados (DEE/FACED/UFC) que se propõem a pensar a atuação de educadores<sup>4</sup> em outros espaços, além da sala de aula. Entre elas está a disciplina de Educação Popular, ofertada regularmente de forma semestral, que busca fazer uma "aproximação inicial da Educação Popular (EP), de seus fundamentos teórico-metodológicos e sociopolítico e de algumas práticas atuais da EP, examinando sua atualidade" (FONTELES FILHO, 2022). Entre outras coisas, a disciplina discute a questão do saber e as classes populares, algumas teorias e propostas no campo da EP, além de seus aspectos atuais.

Foi a partir de discussões realizadas nas experiências da disciplina – dentro e fora de sala de aula – que surgiu a necessidade da escrita deste trabalho, já que os alunos são levados a refletirem sobre as condições que geraram o movimento inicial da Educação Popular, suas contribuições, não só para pensar os processos educativos em si, mas também para os processos formativos de futuros educadores.

Assim, por meio de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994; SUASSUNA, 2008), da revisão bibliográfica de textos obrigatórios da disciplina (BARROS, 2009), e da análise dos diários de bordo (PORLÁN E MARTÍN, 1997), pretendemos discutir, sem esgotar, o conceito de Educação Popular, suas práticas, possibilidades e contribuições na formação de pedagogos, no contexto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, mas buscando estender a discussão para além dos muros desta universidade.

Como referencial teórico foram adotados os escritos de Beisiegel (2008), Brandão (2012), Gadotti (2012) e Freire (2011) para formar o conceito de Educação Popular e possibilitar o diálogo entre seus objetivos e contribuições para a sociedade. A partir dos

---

<sup>4</sup> É importante destacar que a disciplina de Educação Popular é ofertada à diversos cursos de licenciatura na Universidade Federal do Ceará, não restrita ao curso de Pedagogia, daí o uso do termo “professores” e “educadores” ao invés de “pedagogos” e “pedagogas”.

conceitos desenvolvidos serão discutidos, na análise dos relatos de experiências dos diários de bordo, os desdobramentos, influências e contribuições da Educação Popular na formação de professores.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo, com a utilização de revisão bibliográfica como ferramenta para a construção dos dados, além da análise de diários de bordo produzidos no curso da disciplina de Educação Popular (DEE/FACED/UFC), e está comprometida em apontar significados e possibilidades que a Educação Popular pode oferecer aos processos formativos de professores. Nesse sentido, não pretendemos estabelecer verdades concretas e imutáveis, pois a “pretensão do homem de conhecer a verdade, além de ser efêmera, é também ilusória” (NIETZSCHE, 2005, p. 10), já que a verdade é um “exército de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram poética e retoricamente intensificadas... as verdades são ilusões que foram esquecidas enquanto tais...” (idem, p.13). A pretensão, portanto, é a de suscitar debates e apresentar perspectivas que auxiliam a pensar a Educação Popular como fundamental na formação de educadores.

A pesquisa com caráter qualitativo foi escolhida por ser capaz de responder questões particulares, que não podem ser quantificadas e que podem apresentar múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 1994). Nas Ciências Sociais a pesquisa qualitativa é bastante popular porque busca se preocupar não apenas em quantificar os dados, mas também em “explicar os meandros das relações sociais, considerando que a ação humana depende estreitamente dos significado que lhes são atribuídos pelos atores sociais” (SUASSUNA, 2008, p. 348).

Além disso, optamos pela revisão bibliográfica como ferramenta de construção de dados, por partir do pressuposto de que existem recortes feitos por autores anteriores que devem ser considerados nas reflexões suscitadas. Para Barros (2009), a revisão da literatura pode contribuir para apontar lacunas e funcionar como fonte de inspiração para o recorte temático proposto pelos pesquisadores. Para ele, a revisão bibliográfica deve apresentar comentários críticos sobre a bibliografia existente, e não compreender ou apontar tudo o que há produzido sobre a temática. Assim, a revisão da literatura é “um exercício de crítica” (BARROS, 2009, p. 104).

Os diários de bordo foram produzidos como atividade na disciplina de Educação Popular e apontados como ferramenta metodológica por possibilitar registros e reflexões

progressivas, que nos permitem pensar a prática cotidiana, já que o processo de ensino-aprendizagem não é linear. Para Porlán e Martín (1997), o diário de bordo pode ser usado como um guia de reflexão, que favorece a tomada de consciência do sujeito sobre seu próprio processo de evolução e modelos que toma como referência. Por isso, consideramos as contribuições dos diários de bordo à reflexão que nos propusemos a fazer.

## **O QUE É EDUCAÇÃO POPULAR?**

Desde 2015, o Brasil enfrenta conflitos políticos acirrados. Nas eleições de 2018 houve um acirramento político ainda maior, e as tensões entre grupos de esquerda e direita foram mais evidenciadas que nunca. A partir disso, os ataques a direitos e progressos sociais tão duramente conquistados foram intensificados.

Pensar a educação e a instituição escolar em meio a tantos conflitos parece ser uma tarefa extremamente difícil e, na mesma medida, necessária. Brandão (2012) afirma que antes de pensarmos em uma Educação popular, devemos primeiro repensar o sentido da própria educação, já que muitas vezes os educadores, em sua necessidade profissional de explicar sistemas e estabelecer regras acaba prendendo sua visão de Educação muito à instituição escolar e perde de vista a educação em seu contexto cotidiano: a cultura.

À educação popular são atribuídos quatro sentidos: 1) a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; 2) a educação do ensino público; 3) a educação das classes populares; e 4) a educação da sociedade igualitária (BRANDÃO, 2012).

A EP como educação comunitária primitiva é a percepção de que a prática pedagógica sempre existiu, apesar de estar imersa em outras diversas práticas sociais. No trabalho, por exemplo, quando os mais velhos ensinavam as práticas de caça, pesca e agricultura aos mais jovens; mas também em ritos de iniciação ou celebrações coletivas:

Quando os homens do passado longínquo faziam ... os seus ritos de passagem, eles não celebravam apenas o fato de que meninos e meninas chegavam a uma determinada idade. Celebravam também aqueles que eram reconhecidos como sabedores dos conhecimentos necessários para o ingresso na vida adulta: jovens que podiam – porque sabiam – caçar e pescar, guerrear e criar e, portanto, jovens que podiam casar e ter filhos, porque já haviam aprendido o bastante para serem adultos. (BRANDÃO, 2012, p. 5)

Foi apenas com a divisão social do trabalho produtivo que também os processos educativos passaram a ser vistos de forma independente, separado da vida social. A educação comunitária primitiva foi, portanto, a primeira educação popular, porque todos sabiam sobre tudo e entre si, ensinavam e aprendiam (BRANDÃO, 2012). Com a divisão social do saber, o

que antes era comum foi, pouco a pouco separado de conhecimentos coletivos, transformando o *saber* na condição de *poder* de grupos cada vez menores.

o saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas – imersas ou não em práticas sociais –, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua educação popular. (p. 16)

O segundo sentido atribuído à EP é dela como ensino público. Brandão (2012) afirma que a luta pela educação foi dirigida ao combate ao analfabetismo e à expansão da rede escolar, guiada por crenças liberais francesas de que a educação escolar era, além de direito de todos os cidadãos, uma maneira imediata de construção de bases de uma sociedade democrática e que, por meio da educação seriam possíveis modificações na qualidade de participação política e social da população para a melhoria de indicadores internacionais.

Apesar de movimentos que lutavam – e ainda lutam – por uma educação pública para todos e pela diminuição das desigualdades sociais por meio da escola, essa mesma instituição é marcada por processos de práticas sociais de controle e reprodução da própria desigualdade. Sobre isso, Brandão (2012) afirma que "entre vidas diferentes, a educação ajuda a traçar destinos desiguais" (p. 22) e por isso mesmo, "é necessário também que, na prática, a educação escolar não seja oferecida a todos da mesma maneira" (p. 22), porque é por essa lógica que, a partir das mesmas, saem alunos desigualmente separados, para a vida e para o trabalho.

É possível perceber, no entanto, que no movimento atual de luta pela educação há uma certa conquista do poder de participação popular, inclusive na articulação entre associações, sindicatos e movimentos populares, "com vistas a somar esforços em favor da conquista imediata e crescente de mais direitos populares à educação escolar pública" (BRANDÃO, 2012, p. 29). Assim, a EP pode ser entendida também como um "trabalho político de luta pela democratização do ensino escolar através da escola laica e pública" (idem, p. 30).

Há ainda a percepção da EP como uma educação das classes populares, representadas por escolas mantidas por sindicatos e partidos, por exemplo, que buscavam articulação entre a formação de militantes (educação sindical, partidária) e a socialização de crianças e jovens em diferentes espaços de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o trabalho pedagógico das classes populares tem a forma e dinâmica de *movimentos*:

a luta pela escola pública, as sucessivas campanhas de erradicação do analfabetismo e as experiências de educação de classe entre operários são repertório de ideias, de propostas e de práticas originadas e conduzidas por movimentos de educação, ou então por setores de movimentos sociais e/ou políticos dedicados à educação. (p. 34)

Nessa perspectiva, a EP tende a se confundir com a Educação de Jovens e Adultos - EJA, apesar de não ser a mesma coisa, mas por estar inserida no contexto de lutas pela democratização do ensino específico para jovens e adultos em suas origens. A EP como educação das classes populares, no entanto, foi percebida pelos mecanismos de controle e reprodução social, pois se os jovens e adultos fossem educados para a "vida social", seriam também integrados ao mercado de trabalho, que demanda cada vez mais uma especialização maior. Dessa forma, Brandão (2012) compreende que:

Do mesmo modo, a empresa colonizadora moderna reinventa projetos de "organização e desenvolvimento", para as colônias. Não tanto para que os nativos sejam desenvolvidos idosos, para que sua vida social seja organizada. Para que as possibilidades políticas e pré-políticas de luta sejam sutilmente substituídas por "esforços" locais de modernização (p. 37)

Esse terceiro sentido da EP, como educação ação de classes populares, é problemático porque, quando apropriada pelos mecanismos de reprodução de desigualdades, perde o sentido político de sua própria realização. A EP se propõe a pensar na construção de uma sociedade em que os oprimidos sejam sujeitos de seu próprio processo libertador. Ela não pretende ser uma variante, um desdobramento da educação de adultos, ou uma forma mais "avançada" de realizar uma educação já estabelecida. Pelo contrário, a EP pretende ser uma possibilidade de repensar o projeto educativo, de um ponto de vista popular, libertador.

Assim, a EP surge a partir de um movimento de educadores que buscam teorias e práticas da cultura popular, considerando processos políticos de organização e mobilização de setores das classes populares. Para Freire (2011), a educação popular constitui uma nova teoria não apenas de educação, mas das relações que estabelecem novas articulações entre a sua prática e um trabalho político progressivamente popular.

Portanto, a educação popular pode ser entendida como um projeto de educação para uma sociedade igualitária, um modo de "presença assessora e participante" do educador, não uma atividade pedagógica *para*, mas um trabalho coletivo em si mesmo, um trabalho coletivo e organizado do próprio povo. A educação popular é aquela que o povo realiza, pensando em seu trabalho político e construindo seu próprio conhecimento. (Brandão, 2012)

## **CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE**

A construção do conhecimento exige um processo de reflexão em relação ao objeto de estudo. Nesse contexto, a Educação Popular, aliada à universidade e inspirada em Paulo Freire, utiliza práticas educativas que possibilitam uma melhor compreensão do papel e importância do docente no seu processo de formação social, tendo como ponto inicial a

tomada de consciência entre educador-educando das experiências de vida ao seu redor. Assim, para Paulo Freire (2011, p. 9), "reflexivamente, retomam o movimento da consciência que os constitui sujeitos, desbordando a estreiteza das situações vividas; resumem o impulso dialético da totalidade histórica". Desse modo, o homem aprende a efetivar e exercitar a sua possibilidade de ser livre. Segundo Beisiegel (2012, p. 94):

a formação da personalidade democrática e a emergência da consciência crítica implica a aceitação das mudanças, a abertura ao diálogo, a tolerância diante dos desacordos, a introjeção da autoridade, o sentimento de responsabilidade, a busca de participação na construção da vida coletiva, a procura do aprofundamento da capacidade de reflexão sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a circunstância.

Dessa forma, a Educação Popular, juntamente com a ação docente, não se restringe à mera transmissão de conteúdo e passa a auxiliar o aluno em momentos pontuais. Assim, os estudantes podem, gradativamente, evoluir na construção do seu conhecimento, tendo por base as suas experiências. Esses aspectos fazem-se presentes nas afirmações de Gadotti (2012, p. 21), que apresenta as contribuições de Paulo Freire para a Educação Popular, contribuindo também no processo de formação do docente, sendo elas:

1. Teorizar a prática para transformá-la. A prática como base para gerar pensamento. Os sujeitos populares como protagonistas do seu próprio aprendizado e atores de sua emancipação.
2. O reconhecimento da legitimidade do saber popular, da cultura do povo, suas crenças, numa época de extremo elitismo (academicismo sem prática social).
3. Um método de ensino e pesquisa que parte da leitura da realidade (leitura do mundo), da observação participante. Parte do concreto, o mundo vivido dos sujeitos e setores populares. Ensino-aprendizagem inseparável da pesquisa, da cultura popular e da participação da comunidade.
4. Uma teoria crítica do conhecimento, fundamentada numa antropologia (ser humano inacabado, incompleto, inconcluso): somos programados para aprender. Importância das condições de aprendizagem: ênfase nos processos e não nos resultados.
5. Uma educação como prática da liberdade, pré-condição para a vida democrática: educação como produção e não meramente como transmissão de conhecimentos; a educação como ato dialógico (recusa do autoritarismo), ao mesmo tempo rigoroso e imaginativo.
6. Uma ciência aberta às necessidades populares: a relevância social como critério de qualidade da ciência.
7. Harmonização entre o formal e não-formal. O direito à educação não é apenas direito de ir à escola, mas direito de aprender na escola e ter acesso a oportunidades de educação não formal (cinema, teatro, esporte, cultura, lazer...).
8. A utopia como verdadeiro realismo do educador, opondo-se ao fatalismo neoliberal que nega o sonho de outro mundo possível.
9. A educação como direito humano, direito de se emancipar, combinando trabalho intelectual com trabalho manual, reflexão e ação, teoria e prática, conscientização e transformação, a organização, o trabalho e a renda (economia popular solidária).

Nesse contexto, a Educação Popular trabalha para formar um novo tipo de educador que repense a sua maneira de ensinar, de modo que seja mais dinâmico e envolva o discente, estimulando a sua curiosidade e a crítica, levando-o a refletir, criar, aprender ativamente e obter o conhecimento necessário à autonomia. É essencial que o professor exerça a sua real função, a de facilitador e mediador da aprendizagem, favorecendo a outros a possibilidade de entrar em maior contato com suas próprias vivências.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na disciplina de Educação Popular (DEE/FACED/UFC) uma das propostas de avaliação é a produção de um diário de bordo. A proposta é simples: registrar a cada encontro suas percepções pessoais, mas também levantar questionamentos, reflexões e debates. O diário pode ser produzido em linguagens diversas: há quem produza como cordel, vídeo, fanzine, entre outros produtos/linguagens. O importante é que sejam registradas as impressões, para que tanto aluno quanto professor possam acompanhar sua evolução no curso da disciplina. Os diários (SIQUEIRA, 2022; EVARISTO, 2022) aqui analisados foram produzidos pelas autoras do trabalho, por isso nos reservamos o direito de não identificar especificamente a quem pertence cada comentário e/ou reflexão.

No começo do semestre, como forma de conhecer os alunos e definir os melhores métodos de ensino, o professor se dispôs a fazer uma “entrevista” com cada um dos alunos, buscando entender as experiências de vida de cada um, considerando não apenas a vida acadêmica, mas as atividades formativas que estão além da instituição escolar (como o trabalho e a militância), além das expectativas que cada um tinha em relação à disciplina. O momento de socialização das histórias de vida foi o que possibilitou a integração da turma, a aproximação dos personagens que achavam no outro um pouco de si, assim como se revelou ser uma das práticas da própria educação popular: considerar os conhecimentos, perspectivas e histórias de vida e suas influências no processo educativo.

A disciplina se propõe a estudar, entre outros assuntos que possam surgir: 1) a História da Educação Popular; 2) a relação entre a Educação Popular, o Estado e os Movimentos Sociais; 3) as campanhas de Educação Popular; 4) a Pedagogia de Paulo Freire; 5) a prática política e pedagógica da Educação Popular, as aproximações teóricas clássicas e interdisciplinares e os desafios teóricos atuais. Dessa forma, foram estudados os textos de KOHAN, 2019; BRANDÃO, 2012; GADOTTI, 2012; BEISIEGEL, 2008; FREIRE, 2011 e LEMES, 2014. Durante os estudos do texto de Kohan (2019), "*Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia*", foram feitos os seguintes registros:

- Para entender como as desigualdades são produzidas, é necessário entender a raiz do problema. Como educadores, estamos em posição importante/protagonista. Atuaremos em escolas, preparando as bases para os futuros adultos.
- A Educação Popular busca reparar/destruir o mecanismo produtor de desigualdades (libertar os oprimidos e os opressores, que também estão inseridos nessa lógica). O mecanismo produtor de desigualdades é o capitalismo. A educação popular busca separar essas condições.
- A construção política (a desconstrução) que vem se montando desde 2015, no Brasil, e desde o início dos anos 2000 em termos internacionais, é o que vem "demonificando" a imagem de Paulo Freire.

- Atacar Paulo Freire é atacar a formação político-partidária. É um projeto político que vem sendo construído. Desinteressar a população da política partidária, que é a representação da política formal, é mais interessante porque é aqui que o "jogo" acontece.
- O reducionismo parece ser o método perfeito para o controle de massas: reduzir Paulo Freire a um método. Escola sem partido – sem partido?
- O poder nasce do povo e é apenas gerido pelo Estado.

A construção do conceito de Educação Popular, na disciplina, passa por um primeiro momento de entendimento do movimento histórico que gerou a necessidade de pensar uma educação libertadora. Paulo Freire, o patrono da educação brasileira, é o ponto de partida para entendermos como a educação popular se relaciona com a política.

É possível perceber, também, a preocupação social e profissional que a Educação Popular gera no aluno que está em processo formativo: "como educadores, estamos em uma posição importante/protagonista". Para Gadotti (2012), essa posição é ocupada pelo educador que educa em função de um sonho na busca de um mundo justo, produtivo e sustentável, que deve ser capaz de intervir e mudar o mundo que deseja transformar, além de conhecer a realidade onde atua. Durante os estudos do texto de Beisiegel (2008), "Política e Educação Popular: Teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil" foram feitos os registros:

- Crítica educação brasileira – a necessidade de um indivíduo se formar como um ser social na sociedade não era atendida pela escola; a escola não o estimulava a ser responsável, dialógico, reflexivo, com formação de elementos constitutivos da personalidade democrática e consciência crítica.
- Quais espaços? – podemos aprender a discutir e debater em outros espaços não-escolares como sindicatos comunitários, empresas locais, clubes sociedades beneficentes, etc. Esses espaços não nos pertencem, pois qualquer questionamento é considerado uma afronta diante da educação.
- Somos fruto de uma educação autoritária – onde a formação autoritária nos impede de dialogar, tornando-nos seres passivos.
- Crítica ao atraso do crescimento econômico do país – o homem sem consciência não sabe otimizar e valorizar os seus recursos e os recursos da natureza, não podendo influenciar de modo positivo sobre a economia do próprio país.
- A educação para a democracia e a prática da democracia na educação – ação democrática e qualidade de ensino não é oferecer uma maior quantidade de vagas de matrícula escolar
- A educação do adulto analfabeto – é representada no país por uma distorção da relação escola-realidade.
- Proposta de uma educação "conscientizadora" – deve-se eliminar o caráter da oposição do ensino à realidade vivida pelos educandos, baseado no diálogo com a prática de reflexão, adotando o método Paulo Freire.

A partir desse relato, podemos inferir que, ao pensar a Educação Popular, o docente em formação desenvolve um olhar sensível à formação integral dos indivíduos, reforçando o caráter libertário da EP, pois a falha da escola em formar "elementos constitutivos da personalidade democrática e consciência crítica" é apontada como uma "crítica à educação brasileira". Há também a reflexão sobre o próprio processo educativo: "somos fruto de uma educação autoritária", apontando para a necessidade de repensar a educação e torná-la

"conscientizadora", assim como Gadotti (2012) afirma que o sistema educacional precisa ser educado socialmente para educar o social, e que a tarefa do educador popular é a de conscientizar, desalienar e desfeticizar as concepções pré-estabelecidas pelo sistema gerador de desigualdades

Reflexões sobre a realidade educacional, em específico a voltada para jovens e adultos, também são suscitadas nos registros: "a educação do adulto analfabeto é representada no país por uma distorção da relação escola-realidade", reforçando o caráter problematizador da Educação Popular.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível perceber, portanto, que a partir da construção dos diários de bordo no curso da disciplina de Educação Popular, os alunos podem refletir sobre suas práticas e percepções acerca de sua função como educadores populares, tendo em vista que serão profissionais com campos de atuação extensos, não limitados à escola. Há, também, a construção de um pensamento crítico sobre os processos educativos, que suscita questionamentos que vão além da esfera escolar, atingindo espaços que podem vir a se beneficiar das práticas da educação popular, fortalecendo as lutas populares.

O educador que se propõe a pensar a Educação em sua complexidade deve compreender que ela é composta por inúmeras correntes, tendências e concepções. Que educar é um ato político, carregado de princípios e valores e que a Educação Popular, entre outros princípios, é baseada na luta pela democratização de uma educação de qualidade para todos, que considere as diferenças e especificidades de cada grupo.

Considerando os caminhos percorridos até aqui, concluímos afirmando que este trabalho é um pequeno recorte das contribuições que a Educação Popular oferece na formação dos educadores e que, apesar de estar no contexto específico da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), pode suscitar debates em outros ambientes sobre o caráter combativo da educação popular e sua influência no processo formativo daqueles que se dispõem a pensar uma educação libertadora.

Mais do que nunca, a educação pública brasileira necessita de educadores que pensem o ato educativo como algo além da transmissão de conhecimentos. A educação popular pensa a própria educação como um processo de produção de cultura, que deve contribuir com a melhoria da qualidade das condições de vida humana, por meio da organização das redes de apoio e dos movimentos populares, a partir da democratização do conhecimento e da consideração de experiências prévias e histórias de vida.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, J. D'A. A revisão bibliográfica - uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. *In: Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*. Universidade Federal de Juiz de Fora: MG, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18708/9826>> Acesso em 19 de junho de 2022.
- BEISIEGEL, C. DE R. **Política e Educação Popular: Teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil**. 4ª ed. revisada. Brasília: Liber Livro, 2008.
- EVARISTO, A. L. G. de C. **Diário de bordo da disciplina de Educação Popular**. Fortaleza: [s.I.], 2022. Diário de bordo.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Ceará. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<https://faced.ufc.br/pt/graduacao/pedagogia/projeto-politico-pedagogico/ppp-vespertino-noturno/>> Acesso em 19 de junho de 2022.
- FONTELES FILHO, J. M. **Plano de Ensino da Disciplina de Educação Popular**. 2022, 7p. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *In: Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2012, São Paulo: SP. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>> Acesso em 19 de junho de 2022.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf)> Acesso em 19 de junho de 2022.
- NIETZSCHE, F. W. Acerca da verdade e da mentira. *In: Acerca da verdade e da mentira*. O anticristo. Tradução: Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.
- PORLÁN, R.; MARTÍN, J. **El diario del profesor**. Sevilla: Díada Editora, 1997. Disponível em: <<http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/EDC/EDC270Adriane/eldiario-porlan.doc>> Acesso em 19 de junho de 2022.
- SIQUEIRA, L. R. **Diário de bordo da disciplina de Educação Popular**. Fortaleza: [s.I.], 2022. Diário de bordo.
- SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. *In: Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. v. 26, n. 1, p. 341-377, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p341/9576>> Acesso em 19 de junho de 2022.